

SIMULACROS & simulacros

Tânia Regina Oliveira Ramos*

"E como libertarmo-nos totalmente do que somos?

Aliás, como saber com exatidão o que somos"?

A (re) leitura de *Simulcros* (1) de Sérgio Sant'Anna, depois de quatro anos da sua primeira edição, leva-nos a questionar novamente o próprio conceito de ficção.

Simulacros é um texto, reflexo de si mesmo, embora indiscutível seja considerar o seu compromisso ideológico com a literatura, ou seja, o seu compromisso com o discurso do poder narrativo. Sérgio Sant'Anna teoriza durante todo o livro o ato de fazer o romance, através de facetas múltiplas do eu-narrador, perspectiva profundamente analisada na dissertação de mestrado do Professor Luiz Felipe Ribeiro (2). Esta mesma teorização o autor retoma em seu mais recente (e também bem montado) livro *Um Romance de Geração* (3).

Desta vez centralizamos nossa leitura não nos focos narrativos, não no ponto de vista, nem na ação, nem no enredo. Decidimos considerar o que para nós é de maior significância dentro do romance. Sérgio Sant'Anna faz a desmitificação da teoria tradicional do narrador, e do personagem e, conseqüentemente, é deslocado e questionado, a nível do enunciado, o problema da verossimilhança.

Dentro deste enfoque é extremamente importante que consideremos os nomes dos personagens (ou figurantes?) da narrativa:

— Phd — Philip Harold Davis — o que sabe e porque sabe, *pode*.

— JP — Jovem Promissor — o que sintetiza a ambigüidade mítica da juventude: é jovem e bonito e porque é jovem e bonito, *promete*.

— VC — Velho Canastrão: o escroto, o vencido, o resto, a sobra. É velho e vencido, e porque é velho e vencido *não desempenha* mais função.

A trajetória destes três personagens (ou narradores?) masculinos pode ser considerada o desdobramento do narrador em três estágios: antes texto, durante

* Profª Literatura Brasileira/UFSC.

Mestre em Letras PUC/RJ.

texto e/ou após texto, ora um, ora outro, ocupando determinado papel. Por outro lado são as duas personagens femininas que vão ter em seus nomes e em seus desempenhos a essência literária, ou seja, o estatuto da ficção Vedetinha está para o teatro, assim como Prima Dona está para a ópera. Nestas duas artes — ópera e teatro — o personagem dispensa a mediação do narrador e se realiza a função da literatura não como cópia do real, mas representação deste real. São nelas, Prima Dona e Vedetinha, que a literatura, ou os desejos de PhD, JP E VC, se realizam ou se reproduzem.

Confirma-se assim, mais uma vez, que o aspecto mais importante da leitura de *Simulacros* — e isto foi consenso de nosso grupo de estudo (4) — é a análise da sua composição ou desdobramentos e não a comparação com qualquer aspecto que extrapole a poética do próprio texto. Obviamente que a figura de PhD é a mais rica e complexa dentro desta montagem. Observemos, para ilustrar, duas passagens. Em uma delas, PhD vestia uma túnica vermelha e parecia juiz e padre. Ora, estas duas entidades, assumidas pelo “dono” do texto, são portadoras do discurso legal e/ou dogmático. Em outra passagem PhD veste uma túnica branca e pedem que o considerem “simulacro” de Deus. Estas “marcas” onipotentes do escritor permitem que ele — o produtor da história — trace e brinque com o destino dos personagens. Mas justamente neste processo de deificação de PhD que os personagens deixam de ser reificados. Assumem autonomia, escolhem o destino e assassinam o onipotente PhD. Punhal e cova no fundo do quintal. Lugar-comum. Tragicômico — VC ressuscita. JP passa a ser o ESCRITOR. Prima Dona, a RAINHA, e Vedetinha engravida à espera de Felipe (e por que não Philip?). Aí, então, configura-se o *simulacro*.

O final do livro é a recuperação do *autor* e do *real*. Sérgio Sant’Anna se desvela. Não há mais espaço no livro para coisas mortas, não existe lugar para a literatura. Está só consegue se manter enquanto for criação. Enquanto estiver nas mãos de um PhD, um JP, um VC. Ou dos três. Não há lugar para Felipe. Felipe é cópia do real e não representação de um real. Em outras palavras: a literatura so sobrevive enquanto for SIMULACROS.

1. SANT’ANNA, Sérgio. *Simulacros*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
2. RIBEIRO, Luiz Felipe. *Literatura e ideologia nos anos 70*; leitura de quatro romances brasileiros. Rio de Janeiro, PUC, 1979. Dissertação de Mestrado.
3. SANT’ANNA, Sérgio. *Um romance de geração*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
4. SEMINÁRIO quinzenal sobre literatura brasileira contemporânea. Professores de Literatura Brasileira da UFSC.